

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ROMILDO REINALDO WRASSE**

**ESCOLA EVANGÉLICA LUTERANA CONCÓRDIA:  
ANÁLISE DE MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO  
DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
2012**

**ROMILDO REINALDO WRASSE**

**ESCOLA EVANGÉLICA LUTERANA CONCÓRDIA:  
ANÁLISE DE MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO  
DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do grau  
de Licenciatura em História, na  
Universidade Estadual do Oeste do  
Paraná, sob orientação da professora  
Selma Martins Duarte.**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**2012**

*Precisamos recuperar uma ética do amor e solidariedade cristã. Não ponho fé em teorias educacionais que formam, com todos os recursos da tecnologia, homens e mulheres egoístas, refinada e convictamente egoístas. Pois a cada egoísta correspondem vítimas inumeráveis usadas e exploradas por quem não teme nem a Deus, nem aos homens. Suplantar o egoísmo pelo amor cristão – este continua sendo o desafio e a promessa da visão teológica da educação*

Nestor Beck

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I: A ESCOLA CONCÓRDIA NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO DO OESTE PARANAENSE .....	7
CAPÍTULO II: MEMÓRIAS DOS EX-ALUNOS DA ESCOLA CONCÓRDIA .....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	38
FONTES.....	40
Fontes Escritas .....	40
Depoimentos Orais.....	40
ANEXOS .....	41

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar os sentidos da educação formal para os luteranos residentes em Marechal Cândido Rondon, no período de 1955 a 1969. O referido recorte temporal foi feito a partir do marco de criação e atuação da Escola Concórdia, na referida localidade, construída no ano de 1955, pela Comunidade Evangélica Luterana Cristo. No ano de 1969 a Escola Concórdia foi anexada ao Ginásio Evangélico Rui Barbosa, hoje Colégio Luterano Rui Barbosa. O Ginásio Evangélico Rui Barbosa foi formado em 1964 pelas igrejas luteranas, Evangélica e Batista. Em 1968 a Luterana, através da Comunidade Evangélica Luterana Cristo, comprou a parte das outras igrejas.

As igrejas luteranas, bem como as metodistas, presbiterianas, adventistas e outras evangélicas e, evidentemente, a católica, têm atuado fortemente na área educacional, com a criação e manutenção de escolas. Elas têm sido consideradas por seus fundadores e dirigentes como fortes aliadas na instrução e manutenção de seus fiéis e na conquista de novos adeptos e na preparação dos filhos para uma vida correta, de acordo com suas próprias ideologias. Com essa preocupação, foi que também a Comunidade Evangélica Luterana Cristo, quatro anos após a sua fundação em Marechal Cândido Rondon, criou em 1955 a sua escola, chamada de Escola Concórdia.

Partimos para a pesquisa com algumas hipóteses que foram construídas durante a elaboração do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso. Na primeira das hipóteses pressupúnhamos que para os luteranos a educação formal possibilitaria melhorar suas condições socioeconômicas através da aprendizagem de seus filhos. Outra hipótese formulada foi a de que os luteranos associavam educação e progresso. Porém, alguns questionamentos foram formulados a partir do contato com as fontes, diante de algumas aparentes contradições. Por um lado existia uma preocupação em construir uma escola e assegurar uma educação de acordo com os princípios luteranos, mas por outro lado verificamos, através dos depoimentos, que prevalecia o pensamento de só se estudar o básico. Desta forma, procuramos investigar: por que a maioria dos alunos da Escola Concórdia só

estudou até o 4º ano, e muitos, nem isso. Analisamos ainda os objetivos da igreja/comunidade luterana, em Marechal Cândido Rondon, em construir uma escola, sendo que já existia escola pública na localidade.

Procuramos investigar, fundamentalmente, as relações e experiências dos ex-alunos da Escola Concórdia, ao problematizar suas memórias sobre as contribuições da escola em suas vidas. Vale destacar que a escola era particular (mantida com contribuições pagas por pais de alunos, e pela igreja mantenedora), e que além dos membros das igrejas luteranas, também estudavam nela crianças que pertenciam às famílias dos grupos dominantes<sup>1</sup> da sociedade rondonense. Neste sentido, buscamos analisar em que medida a escola contribuía para a manutenção da hegemonia das classes dominantes dessa localidade.

A manutenção de *status*, feita através da escola, foi objeto de investigação de Pierre Bourdieu, sociólogo francês da segunda metade do século XX, que concluiu em suas pesquisas que a escola na França não tem uma função transformadora, ao contrário, está a serviço da conservação social, conforme verificamos na citação:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 2007, p. 41).

Nesta mesma perspectiva apontada por Bourdieu pretende-se analisar em que medida a Escola Concórdia contribuiu na construção de valores e crença das pessoas que estiveram envolvidas neste projeto educacional. As escolas luteranas seguem uma filosofia de educação, que chamam de “Filosofia Luterana de Educação”. Esta filosofia consiste basicamente em sua visão teológica de Deus, do ser humano, das ordens (família, estado, igreja, conforme a doutrina luterana),

---

<sup>1</sup> Quando tratarmos de grupos dominantes, no referido contexto, estamos nos referindo aos sujeitos que atuam em diferentes instâncias do poder local, por exemplo, sub-delegados, líderes de igreja, vereadores e detentores de outras funções públicas.

aplicando-as à educação. Assim, buscou-se verificar ainda em que medida esta filosofia educacional era conhecida e praticada na Escola Concórdia.

Para a realização da pesquisa foram utilizadas fontes escritas, como Livro de Registros de Membros, Atas da Comunidade Luterana (mantenedora da Escola Concórdia) e Livro de Atas da Diretoria da Comunidade Evangélica Luterana Cristo. Estes documentos estão arquivados na Congregação Evangélica Luterana Cristo, de Marechal Cândido Rondon. Também foram analisadas Atas da Escola Concórdia, em que constam as avaliações dos alunos. Estas Atas estão nos arquivos do Colégio Luterano Rui Barbosa, de Marechal Cândido Rondon. Não houve dificuldades para ter acesso a esses documentos. Porém, eles não estão organizados e catalogados, o que exigiu uma busca razoavelmente trabalhosa. Outra dificuldade foi a escassez de material, que resultou em lacunas significativas na pesquisa. Por exemplo, na Congregação Evangélica Luterana Cristo, as decisões referentes à escola estão registradas nas Atas da diretoria da igreja. E não foi possível localizar um livro de Atas da Comunidade do período de 1957 a 1963. Isto é, para uma pesquisa de continuidade de vários aspectos da escola, há uma lacuna.

O material escrito disponível traz poucas informações, e não permite ao pesquisador analisar plenamente o objeto proposto. Por isso, as principais fontes analisadas nesta pesquisa foram os depoimentos orais. As entrevistas foram produzidas não apenas com o intuito de preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, mas, sobretudo com a finalidade de compreender como a partir de suas memórias os ex-alunos e envolvidos com a Escola Concórdia vislumbravam sua relação com a Escola e em que medida a mesma interferiu em suas trajetórias de vida. Assim, foram realizadas cinco entrevistas com ex-alunos, entre junho e outubro de 2012. Um destes alunos, Reinart Reschke, foi também auxiliar do professor e mais tarde viria também a integrar o grupo de lideranças da escola. Não foi encontrada qualquer dificuldade para a realização dessas entrevistas. Os depoentes mostraram-se muito dispostos a colaborar. Houve até quem agradecesse a oportunidade de poder falar sobre suas memórias. Alguns entrevistados se desculparam por não mais se lembrarem de muitas coisas.

Esta voluntariedade em conceder as entrevistas indica que as pessoas querem salvaguardar o passado, mantendo uma relação de pertencimento ao grupo

social. No contexto de colonização da terra em que chegaram, estes sujeitos sociais buscavam estabelecer ou manter uma identidade em sua relação com o local de vivência. Para análise desta relação fazemos uso dos estudos de Michael Pollack, para quem:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLACK, 1989, p. 7).

A metodologia de Pollack quanto à história oral fundamentará a análise das entrevistas realizadas. O trabalho de Pollack nos permite analisar as relações sociais estabelecidas no contexto de colonização da região Oeste do Paraná, e expressas anos depois nas memórias dos depoentes. Foram analisados os depoimentos destes sujeitos, com atenção, tanto para o dito, como para os silenciamentos. Problematizamos assim, a relação destes com a terra “nova”, com a nova vida e com o grupo social em que estão inseridos.

Também fizemos uma pesquisa com os entrevistados, que nos forneceram o nome de 35 pessoas que foram alunos da Escola Concórdia, com o intuito de saber sobre a atividade econômica desenvolvida à época em que estudaram na escola e na atualidade, para verificar se houve transformações econômicas nas vidas destas pessoas. É importante ressaltar que não tivemos a oportunidade de verificar com as próprias pessoas relacionadas se estes dados estão plenamente corretos. Desta forma, compreendemos que há certa limitação nestes dados. O levantamento foi sobre a ocupação de 35 pessoas, pois foram estas as lembradas pelos entrevistados.

O trabalho está assim estruturado: No primeiro capítulo fora feita uma análise do contexto da colonização, promovido pela Companhia Maripá, na região de Marechal Cândido Rondon, a partir de meados do século XX. As famílias vindas de Santa Catarina e em muito maior proporção do Rio Grande do Sul trouxeram a sua



cultura e religião para as regiões de nova habitação. Esta religião, especialmente no grupo a ser analisado, teve muito influência sobre a reorganização de suas vidas, e foi o fator determinante para a implantação da Escola Concórdia e para determinar a forma de sua educação proferida na referida instituição. Em um contexto de migração, de estabelecimento de nova vida, de formação de uma “nova sociedade”, de afirmação de uma identidade cultural e religiosa, da manutenção de valores religiosos, a escola teve um papel muito importante. Escola sobre a qual os luteranos poderiam ter controle, quanto aos conteúdos, objetivos e métodos.

No segundo capítulo procura-se identificar e analisar as trajetórias dos que foram alunos da Escola Concórdia, bem como, suas interpretações sobre a influência da Escola sobre suas vidas. A Escola Concórdia foi criada com certos objetivos. Embora estes não apareçam diretamente nos documentos pesquisados, eles são subentendidos a partir da “Filosofia Luterana da Educação”, e foram objetos das entrevistas realizadas. Estes objetivos podem ser resumidos como uma educação de qualidade, formação de cidadãos trabalhadores e ordeiros, de acordo com a doutrina cristã luterana, e ainda, a evangelização de pessoas que ainda não fossem cristãs ou participantes de alguma igreja cristã. Analisando as memórias dos entrevistados, bem como suas lembranças sobre as ocupações de 35 ex-alunos da Escola Concórdia, procura-se verificar se aqueles objetivos foram atingidos. Considerou-se para isto a perspectiva de Edward Thompson sobre experiência. Ele afirma:

Quanto à “experiência” fomos levados a reexaminar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão: parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias (THOMPSON, 1981, p. 188).

E procura-se verificar também o que haveria de objetivos não expressos diretamente, mas que estão presentes no que não foi diretamente dito pelos entrevistados ou não está diretamente explícito nos documentos. Em que medida as memórias dos sujeitos revelam objetivos de manter alguma hegemonia – no campo

econômico, político/social ou pelo menos no religioso/cultural, ou mesmo, nas formas de dominação social, e em que medida a Escola Concórdia foi um instrumento para que isto ocorresse.

Cabe ressaltar que o interesse por essa temática de pesquisa, está diretamente relacionado com a trajetória do autor, que desde 1992, é pastor da igreja – Congregação Evangélica Luterana Cristo – que implantou e manteve a Escola Concórdia. Procuramos não fazer um trabalho memorialista, de exaltação das instituições envolvidas, de defesa ou justificação de seus líderes, seus sujeitos, suas decisões e ações. Mas é evidente que, se em geral é impossível ser neutro, estando envolvido diretamente com o objeto de pesquisa, isso se torna ainda mais difícil. Certamente em muitos momentos isso irá transparecer no texto.

## **CAPÍTULO I: A ESCOLA CONCÓRDIA NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO DO OESTE PARANAENSE**

Neste capítulo pretende-se discutir o luteranismo representado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil e sua trajetória no Brasil, sua vinculação com a educação; a migração de luteranos para a região de Marechal Cândido Rondon e o contexto desta região. Compreendemos que a criação, os objetivos e a atuação da Escola Concórdia têm muito a ver com o contexto migratório de Marechal Cândido Rondon, com os aspectos sociais, políticos e religiosos da cidade. Neste sentido, a questão educacional aqui enfocada, na época, era elemento importante para o estabelecimento desses migrantes.

“Ao lado de cada igreja, uma escola”. Este foi um lema que desde a fundação das primeiras comunidades da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no início do século XX, esteve sempre presente. As comunidades locais sempre que podiam e tinham clientela para tal, procuraram criar escolas junto a seus templos, muitas vezes utilizando até o próprio templo. No primeiro estatuto da Comunidade Evangélica Luterana Cristo já constava que tinha por “finalidade conservar e propagar a religião cristã em cultos públicos, educandários paroquiais ou outros, a qualquer nível.” (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO, Estatutos, Artigo IV, inciso II).

Martinho Lutero, o fundador da igreja que viria depois a se chamar de Evangélica Luterana, deu grande ênfase à educação. Ele escreveu uma carta “Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs.” (LUTERO, 1995, p. 299). É atribuída a Martinho Lutero a frase: “Ao lado de cada igreja, uma escola.”. Embora haja quem discorde da tradução da frase, para quem tem o sentido: “A escola deve estar intimamente ligada à igreja”. Mas alguns a traduziram como: “A coisa mais perto da igreja deve ser a escola.”. Isto porque Martinho Lutero defendia a ideia de que a educação é função do estado, embora sob sua influência e orientação foi criada uma escola na cidade Lesniac, mantida pela comunidade luterana.

Segundo João Klug em tese de doutorado apresentada na USP, na época de Martinho Lutero:

[...] era a religião cristã que conferia sentido e sustentação à sociedade da época, que se caracterizava por ser um mundo cristão... A igreja que acabava de surgir da Reforma precisava de pastores e mestres, enquanto os principados e cidades, de líderes e conselheiros. A partir dessas necessidades era urgente habilitar a geração jovem, enviando-a à escola (KLUG, 1997, p. 47).

Nesta perspectiva, a escola era também uma forma de ajudar a Igreja Luterana ao firmar-se como instituição. Desta maneira ela tinha um forte apoio para formar as suas próprias lideranças e manter-se frente ao combate que a Igreja Católica lhe promovia.

Segundo o historiador luterano Mário Rehfeldt, o luteranismo teve início no Brasil com a chegada de imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, a partir de 1824. (REHFELDT, 2003, p. 19). A maioria deles era protestante. A designação “protestante” é definida por Antonio Gouvêa Mendonça na citação a seguir:

[...] os protestantes propriamente ditos são os luteranos e calvinistas que se espalham pelo mundo em numerosa diversificação, particularmente estes últimos. Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas (MENDONÇA, 2005, p. 52).

Mesmo entre os luteranos existem diferentes instituições, com rigor teológico diferente. No caso do Brasil, há duas principais instituições luteranas: A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. A primeira está representada em Marechal Cândido Rondon pela Igreja Evangélica Martin Luther e outras comunidades menores, mantendo também uma escola, o Colégio Evangélico Martin Luther. A história dessa comunidade em Marechal Cândido Rondon é muito semelhante à da Congregação Evangélica Luterana Cristo, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, criadora da Escola Concórdia, objeto do nosso estudo.

Até 1886 os protestantes de origem alemã não tinham uma instituição, uma igreja que aglutinasse as diferentes comunidades que foram surgindo. Nesse ano foi fundado o Sínodo<sup>2</sup> Rio-Grandense, que em 1949, em conjunto com outros sínodos, criou a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Quando o Sínodo Rio-Grandense foi fundado, este não assumiu uma identidade confessional luterana<sup>3</sup>, o que, segundo Rehfeldt, gerou insatisfação:

Um dos fundadores [do Sínodo Rio-Grandense], o pastor Johann Brutschin, fez a proposta de que o Sínodo se confessasse como sendo um Sínodo Evangélico Luterano. Sua proposta não foi aceita, e o Sínodo passou a ter um caráter mais reformado<sup>4</sup> do que luterano (REHFELDT, 2003, p. 25).

Esse pastor, em contato com a Lutheran Church Missouri Sinod, reconheceu nela uma igreja autenticamente luterana. E pediu atendimento, sendo a partir de

---

<sup>2</sup> Aqui designa a união de diversas comunidades religiosas e fé e práticas comuns para formarem uma associação.

<sup>3</sup> O site da Igreja Evangélica Luterana do Brasil informa o seguinte sobre as confissões luteranas: “A primeira confissão da fé cristã foi o Credo Apostólico. Divergências posteriores levaram à formulação do Credo Niceno (325) e do Credo Atanasiano (451). Essas três confissões são conhecidas como Credos Ecumênicos ou Universais.

Contudo, com o passar dos tempos, a igreja foi se desviando da verdade bíblica. Vozes que clamavam contra o erro foram silenciadas. O Dr. Martinho Lutero, monge agostiniano, doutor em Teologia e professor da Bíblia na Universidade de Wittemberg, Alemanha, constatou que a igreja estava desviada da verdade bíblica. Reconhecemos em Lutero um instrumento de Deus para reconduzir a igreja às verdades bíblicas. Deus preparou outros homens fiéis que participaram da causa da Reforma.

Os seguintes documentos formam as Confissões Luteranas:

- Catecismo Menor (1529), um resumo das principais verdades bíblicas, escritas para o povo.
- O Catecismo Maior (1529), as mesmas verdades detalhadamente explicadas para adultos.
- A Confissão de Augsburg (1530), a principal confissão luterana.
- A Apologia (1531), uma defesa da Confissão de Augsburg.
- Os Artigos de Esmalcalde (1537) reafirmam os ensinamentos da Confissão de Augsburg e expõem, com mais profundidade, a doutrina da Santa Ceia.
- A Fórmula de Concórdia (1577), que define o pecado original, a impossibilidade de o homem salvar-se por suas próprias forças e a pessoa e obra de Cristo.

As Confissões foram reunidas no Livro de Concórdia, em 1580, que é aceito hoje por muitas igrejas luteranas no mundo. Essas igrejas afirmam: ‘Aceitamos todos os livros canônicos das Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamentos, como palavra infalível de Deus e, como exposição correta da Escritura Sagrada, aceitamos os livros simbólicos reunidos no Livro de Concórdia.’ A Escritura ou Bíblia Sagrada é a única norma na igreja para doutrina e praxe” ([www.ielb.org.br/old/historia/confissoes.htm](http://www.ielb.org.br/old/historia/confissoes.htm)).

<sup>4</sup> São designadas de Igrejas Reformadas aquelas surgidas a partir da Reforma Suíça, iniciada em 1522 por Ulrico Swinglio, inspirado na Reforma Luterana da Alemanha, que tem como marco inicial o ano de 1517. A Reforma Suíça teve continuidade com João Calvino. Entendiam que Lutero não reformou o suficiente ao manter muitos usos e costumes da Igreja Católica Romana. A Reforma Suíça deu origem às igrejas Anglicana, Presbiteriana e Batista, entre outras.

então enviados missionários ao Brasil, a partir de 1900. Em 1904 foi fundada a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Vale reportar que em 1900, quando foi fundada a primeira comunidade que viria a ser mais tarde a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, em São Pedro, então município de Pelotas, RS, foi construído no mesmo ano a escola paroquial (REHFELDT, 2003, p. 42). Rehfeldt cita o pastor Louis Lochner, da comissão missionária do Sínodo de Missouri, EUA, que presidiu a solene fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, afirmando na ocasião: “Se queremos ter sucesso na missão, precisamos, com certeza, abrir também uma escola” (REHFELDT, 2003, p. 42).

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil expandiu-se fundando comunidades nos estados do Sul do Brasil, no Espírito Santo e, em menor número, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Era muito mais um ajuntamento de imigrantes alemães e descendentes ou até de comunidades inteiras já existentes do que de conquista de novos adeptos. Exemplo disso é o fato de ter levado quase duas décadas para acontecer o primeiro culto em língua portuguesa (REHFELDT, 2003, p. 89).

Nessa expansão, segundo Rehfeldt, as escolas tiveram um papel muito importante:

A criação e promoção de escolas paroquiais foi uma das principais marcas da Igreja Evangélica Luterana do Brasil no primeiro meio século de sua existência (...). Às vezes, grupos que eram religiosamente indiferentes chamavam missionários do Sínodo de Missouri para que proovessem educação para seus filhos (REHFELDT, 2003, p. 51).

E Rehfeldt ainda cita William Mahler, o primeiro missionário norte-americano residente no Brasil: “A escola ocupa o primeiro plano em todas as nossas congregações. É especialmente por causa da escola que se formam as congregações. A escola é a estabilidade da congregação” (REHFELDT, 2003, p. 51).

Os membros da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, eram em sua maioria pequenos agricultores. Após a segunda

guerra mundial começaram a surgir as condições para uma migração desses pequenos agricultores. Segundo Valdir Gregory:

Outro fato importante já tinha dado sinais vigorosos no contexto da história do sul do país: a migração de colonos, num processo de expansão das fronteiras agrícolas. As velhas colônias de imigrantes europeus do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina já tinha excedentes populacionais dispostos a tentar reproduzir suas condições de colonos (GREGORY, 2002, p. 92).

A partir da década de 1940 a Colonizadora Maripá, estava promovendo a reocupação destas terras, entre Toledo e a divisa com o Paraguai, vendendo lotes para migrantes do sul do país. E fazia grande propaganda para atrair os agricultores daquelas regiões. Segundo o que se constata da propaganda da Colonizadora Maripá, os migrantes lidavam com uma terra com bastante morros e pedras, às vezes esgotada em termos de fertilidade, às vezes infestada de formigas e não reuniam mais condições de dar as devidas heranças aos filhos. Então ficaram sabendo que no Paraná havia terras muito boas e baratas, possibilitando-lhes terem uma maior área, enfim, um futuro melhor. Segundo Neiva Maccari, citada por Lia Pfluck, “eles [os agentes de venda] falavam que podia plantar tudo como lá no sul, mas sem as formigas, as pedras e os morros” (MACCARI apud PFLUCK, 2007, p.121).

Essa divulgação acontecia através de propaganda feita pela Colonizadora Maripá e também por aqueles que já conheciam ou até já tinham se mudado para estas terras. Como escreve Lia Pfluck:

Terra fértil, clima agradável, compra parcelada de terras, além da possibilidade de morar próximo de amigos e parentes do município de origem, foram um convite irresistível para muitas famílias migrarem para o Oeste do Paraná. As correspondências enviadas aos parentes e vizinhos deixavam todos empolgados com a situação de prosperidade relatada e visualizada através das fotografias, provas incontestáveis da fertilidade da terra (MACCARI apud PFLUCK, 2007, p.121).

As migrações aconteceram a partir de 1950. Entre os que migraram estavam também muitos luteranos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, que se estabeleceram principalmente no que viria a ser o município de Marechal Cândido Rondon. Guilherme Lüdke, pastor da Comunidade Evangélica Luterana Cristo de 1966 a 1976, escreveu uma história da Comunidade, e relatou:

Grupos e mais grupos de famílias imigrantes penetraram nesta região do Oeste paranaense. Entre as mesmas também muitas famílias da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a IELB, vindas de Marcelino Ramos, Lajeado, Erechim, Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa, Arroio do Meio, Três Passos, Cerro Largo e tantos outros município do estado do Rio Grande do Sul; de Santa Catarina; do Espírito Santo e de outros estados, bem como do próprio estado do Paraná (LÜDKE, 1984, p. 3)

Vander Piaia afirma que na região Oeste do Paraná houve quatro fases distintas de ocupação: a primeira corresponde à ocupação indígena; a segunda está relacionada com a presença dos jesuítas na região; a terceira corresponde à implantação e execução do sistema obrageiro. E a quarta fase é a da ocupação promovida pelas companhias colonizadoras. Sobre as primeiras duas fases não discorreremos nesta pesquisa. Sobre a terceira, apenas algumas menções. Nosso foco dar-se-á sobre a quarta fase, período em que os migrantes aqui se estabeleceram e os luteranos fizeram a sua igreja e a partir dela a Escola Concórdia.

No período que antecedeu a migração luterana, mais precisamente em 1931, o governo federal enviou para Foz do Iguaçu uma comissão chefiada por Zeno Silva para levantar a situação local. Segundo Rui Wachowicz:

Essa comissão federal constatou que a população existente na margem brasileira do rio Paraná, entre Guaíra e Foz do Iguaçu, era de aproximadamente dez mil habitantes, dos quais apenas quinhentos eram brasileiros. Constatou que os governos anteriores nunca se haviam interessado pela região e que em consequência a presença estrangeira era tanta que o Brasil não estava longe de ver aberto um caso de direito internacional, na sua margem esquerda do rio Paraná (WACHOWICZ, 1987, p. 145).



Imperava na região o processo exploratório, pela extração da erva-mate e da madeira. Quem o fazia eram as *obrages* argentinas. Segundo José Augusto Colodel, as *obrages* eram:

[...] imensos domínios rurais que se estabeleceram no oeste paranaense e também na porção sul do Estado do Mato Grosso... Existiam unicamente para a exploração intensiva dos produtos que abundavam em suas áreas (COLODEL, 2002, p. 24).

O *obragero* obtinha uma concessão a preço baixíssimo do governo paranaense ou até mesmo sem documentação alguma, segundo Wachowicz, caso da maioria, e iniciava a penetração no Oeste do Paraná (WACHOWICZ, 1987, p. 44). Essa atividade perdurou por mais de cinquenta anos e possibilitou excelente rentabilidade para os donos das *obrages*. Os trabalhadores das *obrages* eram argentinos e paraguaios chamados de *mensus*, que na prática eram mantidos em regime de semiescravidão. Recebiam salário mensal, mas a sua dívida com a companhia era sempre maior do que o que ganhavam. E trabalhavam em condições lastimáveis no meio da mata, sem qualquer assistência.

Por razões econômicas, estratégicas e políticas as *obrages* entraram em decadência. Foram impostas leis de cota mínima de trabalhadores brasileiros, o governo federal promovia a “Marcha para o Oeste”, estradas foram abertas e os argentinos também começaram a cultivar a erva-mate em seu próprio território. Segundo Valdir Gregory:

Legislação e encaminhamentos políticos criaram, portanto, dificuldades à manutenção dessas explorações estrangeiras, favorecendo a criação e o estabelecimento de companhias madeireiras e de colonização que adquiriram suas terras (GREGORY, 2002, p. 93).

Conforme Gregory, nesse contexto foi criada a Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ, com sede em Porto Alegre. Esta empresa comprou, em 1941, da Companhia Madeireira del Alto Paraná uma área de terra

chamada Fazenda Britânia. E estabeleceu o seu escritório em Toledo. A área da Fazenda Britânia ia de Toledo até o Rio Paraná, formando um triângulo, indo ao norte até onde hoje se situa o município de Mercedes e ao sul até onde hoje é o município de Pato Bragado. Formava uma área de 2.748 Km<sup>2</sup> ou 274.846 hectares (Cf. GREGORY, 2002, p. 104).

Aqui cabe apontar para o elemento humano que a Maripá procurou para a colonização. Valdir Gregory discute com profundidade esta questão em seu livro “Os eurobrasileiros e o espaço colonial”. O autor afirma que a colonização teve caráter seletivo, isto é, optou-se por determinados colonos. A busca da Maripá foi por colonos ideais, que melhor dariam conta do empreendimento pretendido. Gregory comenta:

Essa forma de proceder se deveu a exigências de conotação econômica e se deveu a valores culturais e a preconceitos dos administradores e dos próprios eurobrasileiros que colonizaram a região. Se deveu também ao tratamento que colonos, etnicamente identificados, recebiam nos lugares que não eram lugares de colonos italianos, de colonos alemães, de colonos poloneses (GREGORY, 2002, p. 152).

O colono deveria ser trabalhador, honesto, experiente em atividades agrícolas e possuir espírito empreendedor. Com esses critérios, estavam excluídos os indivíduos tidos como “aventureiros” e “desonestos”. Assim, a Maripá emitiu juízos de valor aos migrantes do Sul, descendentes de europeus, em comparação com os brasileiros de Minas Gerais, São Paulo, Campos Gerais do Paraná e também os paraguaios.

Gregory cita o geógrafo Keith Derald Müller:

Quer-se migrantes que tenham identidade, origem, que falam a mesma língua, que tem costumes sociais iguais, as mesmas cidades natais e que possuem organização e experiência cooperativista altamente desenvolvida. Os colonos sem tais qualificações não foram recrutados e atraídos para o projeto, devido custo das terras e também porque não houve publicidade sobre a venda de terras. Consequentemente, o grupos de colonos do sul do Brasil trouxeram a Toledo traços especiais de cultura que facilitaram a abertura de estradas (MÜLLER apud GREGORY, 2002, p. 154).

Gregory aponta que isso possibilitava justificar a negação do outro, do “sem origem”, e caracterizá-lo como “intruso, inconveniente e não-adequado” (GREGORY, 2002, p. 154). Não que eles fossem abertamente proibidos de vir habitar a região. Eles foram até utilizados no início pela colonizadora como força de trabalho, na fase extrativista da empresa. Mas quando foi para povoar o local, foram escolhidos outros sujeitos sociais.

Os luteranos certamente enquadravam-se no tipo de colono pretendido: descendentes de europeus, pequenos proprietários em seu lugar de origem, trabalhadores, honestos. A religião também foi considerada muito importante pela empresa. Ou seja, construiu-se um discurso de hierarquia étnica, em que os migrantes descendentes de alemães, ou italianos em outras localidades, foram tratados como superiores aos demais grupos étnicos.

Um dos elementos importantes da cultura e da identidade era a questão da religião, exigindo da empresa atenção especial para o religioso (...). Aqui se percebe a relação empresa colonizadora e igrejas. Esta relação era fundamental porque o espírito religioso dos colonos e a influência de padres e de pastores nas antigas colônias requeriam que a nova colônia desse mostras de que novo espaço colonial seria, também, um espaço onde Deus teria seu lugar (GREGORY, 2002, p. 161).

Havia uma preocupação especial com relação à religião das pessoas. Em primeiro lugar, garantindo que aqui as igrejas teriam todo o apoio, e o tiveram. E até mesmo houve cuidado para ficarem juntos os praticantes de mesma religião: “A localidade de origem, a língua e a religião tiveram, pois, influência na escolha dos locais para o estabelecimento das famílias” (GREGORY, 2002, p. 164).

Assim, Marechal Cândido Rondon foi o lugar onde se estabeleceu um grande número de luteranos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Estes mantiveram a sua identidade religiosa. Claércio Ivan Schneider, em sua dissertação de mestrado, observa que

Os migrantes que se estabeleceram nas terras da Maripá conservavam uma tradição cultural marcada não só pela identidade étnica, como também linguística e religiosa. Tais características, enquanto sistemas de símbolos e valores em comum, atuavam como representações de conduta, o que se evidencia a partir da reprodução das instituições e do estilo de vida destes agentes neste novo espaço colonial (SCHNEIDER, 2001, p. 250).

Os colonos oriundos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil logo iniciaram os seus cultos. O primeiro deles ocorreu no dia 9 de maio de 1951. E no dia 7 de outubro do mesmo ano fundaram a sua comunidade, denominada de Comunidade Evangélica Luterana Cristo. Os pastores que os atendiam vinham primeiro de outros lugares. Em 1953, conforme relata Guilherme Lüdke, a comunidade passou a ter um estagiário residente, Egon Steyer, que conduzia então a igreja. No mesmo ano teve a sua primeira igreja construída, em terreno doado pela Maripá. De 1954 a 1956 atendeu a comunidade o estagiário Theno Rheinheimer. E em 1956 passou a ter seu primeiro pastor residente, pastor Cristiano Steyer.

A Ata da assembleia da Comunidade Evangélica Luterana Cristo, de 29 de maio de 1955, assim registra:

Resolveu por unanimidade a abertura da escola paroquial. Como início da aula foi escolhido o dia 1º-7-1955. Será assim o meio do semestre. O pastor praticante, Theno Rheinheimer, incumbiu-se de dar aulas neste ano. Devido a falta de tempo do pastor, resolveu-se não aceitar-se estranhos neste ano. Encarregou-se o Snr. Eduard Reschke de fazer os bancos escolares, 20 em número, para 2 alunos cada. O Snr. E. Reschke pediu para o feito dos bancos, mão de obra e pregos, Crs 100,00 por banco, o que aceitamos. O Snr. Willi C. Trentini foi encarregado de conseguir registro dos Estatutos da comunidade, bem como o registro da escola.

Retomamos aqui um pouco da discussão levantada na introdução, sobre o valor dado pela igreja luterana à educação. O ensino tem um caráter formador. O seu objetivo é formar o indivíduo nos moldes ideológico/religiosos da igreja luterana. O teólogo luterano Nestor Beck afirma:

A educação terá por finalidade preservar e fomentar as condições e bens favoráveis à vida humana em sociedade, tanto naturais como culturais. A educação, portanto, terá por alvo formar o homem como pessoa moral e racional, que faça uso da razão para promover o bem próprio e dos outros. Será o homem que saiba gerir a própria vida, prover o próprio sustento pelo trabalho e participar da gestão da coisa pública. Será, pois, o homem capaz de conduzir-se honradamente na família, na economia, na política, nas demais áreas (BECK, 1988, p. 102).

Para os luteranos, a escola tem uma finalidade de divulgação de sua doutrina e de fortalecimento da sua instituição. Mas também fica claro a intenção de ser influente em outras áreas na vida social, inclusive na política.

Para todos os migrantes a escola sempre teve um papel fundamental. Neiva Maccari, pesquisando entrevistas dos primeiros colonos que aqui se estabeleceram constata o quanto a escola está presente na memória deles:

Nos chamou a atenção o fato de que a temática mais abordada pelos migrantes referia-se à escola, sendo possível encontrar um grande número de entrevistas “povoadas” pelas lembranças sobre o ensino escolar. Assim, de um total de 79 entrevistas pertencentes ao acervo do Cepedal no ano de 1997, as recordações sobre este tema são abordadas em 41 delas (MACCARI, 1999, p. 100).

A questão escolar também estava presente no projeto da Maripá. Garantia de escola era também um fator de convencimento para a vinda dos colonos e o conseqüente sucesso do empreendimento de colonização. Por isso a colonizadora apoiou a criação de escolas, inclusive com doações. A Escola Concórdia também teve este apoio. Um exemplo disso aparece numa ata de Assembleia da Comunidade Cristo:

Doação: Tendo a “Maripá” doado às crianças desta comunidade a importância de Crs. 3.000,00, como presente de Natal, em vale a ser gasto na filial do Empório Toledo Ltda desta Vila, foi proposto e aceito seja a importância acima ser gasta em material escolar, para distribuição gratuita aos alunos da Escola Concórdia (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO, ata das assembleias, 29-12-1956).

Nos anos de 1948 a 1964 houve um debate a nível nacional, envolvendo a Lei de Diretrizes e Bases, em que se confrontavam os privatistas do ensino e os que defendiam a escola pública laica e gratuita. Róbi Schmidt explica que os defensores da escola pública “visavam a constituição de um programa que relaciona os propósitos de alfabetização com o desenvolvimento social e econômico pelo qual o Brasil passava” (SCHMIDT, 2001, p. 84). Os privatistas combateram essa proposta, pois a viam “como ideais comunistas que tinham como objetivo sua inserção junto às instituições de ensino” (SCHMIDT, 2001, p. 84).

Willy Barth, diretor da Maripá, era favorável à escola privada. Isto fica bem claro em seu discurso, já como prefeito de Toledo, durante a formatura do Colégio La Salle, conforme transcrito por Róbi Schmidt:

Como homem público que sou, não poderia deixar de declarar, em hora como esta, o meu pensamento sobre a questão, tão momentosa e tão importante, como a do ensino em nossa terra. É lamentável que tantos brasileiros não se apercebam da gravidade do assunto, quando se discute o problema. Há pouco tempo, enorme celeuma levantou-se em torno do projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando de sua tramitação no Congresso. Deturpou-se o assunto e em nome da defesa da escola pública acobertaram-se os inocentes úteis e os mal intencionados, que defendem a tese do monopólio estatal do ensino (SCHMIDT, 2001, p. 84).

A Escola Concórdia foi criada para atender aos interesses da Igreja Luterana e da Comunidade Evangélica Luterana Cristo especificamente, na educação de seus filhos, na sua consolidação como igreja e na influência que pretendia exercer também na sociedade. Mesmo já havendo uma instituição de ensino na Vila de General Rondon, a liderança da comunidade luterana entendeu que era necessário ter uma escola que tivesse um modelo de educação diferenciado, calcado em valores essencialmente cristãos, segundo a ótica luterana. O objetivo era a formação do bom cristão e do bom cidadão.

Por não ser a primeira instituição de ensino local, fica evidente que se apresentava como uma opção àquela que estava sendo oferecida. Entendida pelos criadores como uma opção melhor. Possuía uma proposta pedagógica diferenciada, adequada às necessidades de suas crianças. Já mencionamos na introdução da

“Filosofia Luterana da Educação.” Do livro do teólogo norte-americano Allan Hart Jahsmann o qual sintetizamos aqui o conteúdo dessa filosofia:

1. A educação tem como principal enfoque o ser humano, a sua relação com Deus, com o próximo, com o mundo e consigo mesmo. A educação deve promover esse relacionamento.
2. A Bíblia é a verdade fundamental para a salvação do ser humano, em que Deus estabelece a sua relação com ele, que é dar-lhe vida e a liberdade real de poder escolher o bem maior (amar e servir).
3. O ser humano recebe a vida por criação de Deus, mas ela é desgastada por uma natureza (humana) que se opõe a Deus e conduz à morte.
4. Os pais e a família são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos e tem o direito soberano de optar pelo ensino que desejam. O estado deve oferecer o ensino.
5. A ética educacional luterana faz com que a pessoa seja valorizada acima da função que exerce. Os valores que promovem a vida, o amor e a justiça, são estabelecidos por Deus e revelados pela escritura sagrada [a Bíblia] e não sujeitos a modificações culturais. A educação, pela visão da ética cristã, cria necessariamente a prática da solidariedade, da preocupação com o outro, de viver e de ajudar a viver. Pois, o amor se doa a serviços infinitos (JAHSMANN, 1987, p. 10-22)

A Escola Evangélica Luterana Concórdia, nome completo que recebeu, iniciou suas atividades em 1º de julho de 1955, com 48 alunos matriculados. Foi seu diretor e professor o estudante de teologia Theno Rheinheimer, que também cumpria a função de pastor da comunidade. As aulas inicialmente eram na igreja, em classe multisseriada. Com a volta do estagiário aos estudos no Seminário Concórdia, de Porto Alegre e a chegada do pastor definitivo em 1956, este assumiu as funções de diretor e professor. Ainda no mesmo ano assumiram essas mesmas funções Arnold Hintz e Helmuth Kassinger. Estes, conforme depoimento de Valdir Sipert, ex-aluno da escola, eram professores ainda sem uma formação específica.

Ainda foram professores/diretores: 1958 a 1964: Walter Schwalemborg; 1964: Walter Schüller; 1965 a 1966: Antônio Müttlestädt, Noemi Strelow e Marina Gossenmeyer; 1967 a 1968: Eduardo Müttelstädt.

No ano de 1956 foi construída a escola, que foi inaugurada no dia 26 de agosto daquele ano, conforme a ata da assembleia de 13 de outubro de 1956. Em 1969, com a passagem do Ginásio Evangélico Rui Barbosa inteiramente para a

Igreja Luterana<sup>5</sup>, a Escola Concórdia passou para as instalações do Colégio Rui Barbosa e em 1981 foi definitivamente incorporada por este.

Quanto aos que podiam ser alunos, diz a Ata de criação da escola que no início, por falta de tempo do professor, não seria admitidos “estranhos”<sup>6</sup>. Isto significa que só podiam ser alunos aqueles que fossem filhos de membros da igreja. A partir do segundo ano os que não eram membros também foram aceitos. Mas a predominância sempre foi de filhos de membros da igreja.

Sobre cobrança de mensalidades aos membros da igreja (Comunidade Cristo), os documentos consultados nada mencionam diretamente. E nos depoimentos dos ex-alunos também existe divergência. Mas os que falaram que pagavam mensalidade, o disseram com alguma indicação de dúvida. Então, a julgar pelo que consta nas Atas, sobre mensalidades aos “estranhos”, conforme citações abaixo, não era cobrada mensalidade dos membros da igreja. O pagamento era indireto, de todos os membros que contribuía com a comunidade.

Os que não eram filhos de membros, durante bastante tempo pagaram mensalidade. Em ata da diretoria da Comunidade de 1964 consta que “alguns dos estranhos reclamaram que a mensalidade dos alunos é muito cara” (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO, Ata da Diretoria, de 2 de maio de 1964). Mas na Ata da assembleia da Comunidade, de 1968, outra decisão foi tomada:

Mensalidade dos alunos da Escola. Foi resolvido não cobrarmos mensalidades dos alunos estranhos, conforme ordena a lei. Nem taxa de manutenção cobraremos. Os professores serão pagos pela caixa da Comunidade (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO, Ata da assembleia de, 14 de fevereiro de 1968).

---

<sup>5</sup> O Ginásio Evangélico Rui Barbosa, que hoje é o Colégio Luterano Rui Barbosa, foi criado em 1964, num “consórcio” entre as igrejas Luterana Cristo, Martin Luther e Batista. Em 1969 os luteranos compraram a parte das outras igrejas e se tornaram os únicos proprietários da instituição, numa associação de várias comunidades da mesma igreja, situação que perdura até hoje.

<sup>6</sup> Pelo que se deduz de uma Ata de 2 de maio de 1964, e outra de 14 de fevereiro de 1968, os alunos que não eram filhos de membros eram comumente chamados de “estranhos”.



Portanto, o contexto do estabelecimento e da atuação da Escola Concórdia nos primeiros anos, era de início de uma nova vida. As famílias que para cá vieram tinham uma expectativa de ter uma vida melhor em termos econômicos. Isto é, neste aspecto esperavam mudanças. Mas por outro lado também trouxeram a sua religião, as suas convicções, os seus valores, a sua ética. E estes valores procuraram preservar através de suas práticas, de suas igrejas, e no caso dos luteranos, também através da escola. As condições que aqui desfrutaram contribuíram para que esta preservação fosse possível. Condições como viverem em grupos que já se identificavam pela ancestralidade europeia ou mesmo pelo ramo religioso ao qual pertenciam. Aqui também encontraram todo apoio da própria empresa colonizadora.

## **CAPÍTULO II: MEMÓRIAS DOS EX-ALUNOS DA ESCOLA CONCÓRDIA**

No presente capítulo analisaremos experiências de envolvidos com a Escola Concórdia, isto é, de um grupo de ex-alunos. Os objetivos do presente trabalho vão além da análise de memória dos alunos. Através destas memórias pretende-se compreender também os objetivos da instituição que manteve a escola: influência, espaço na sociedade e relações de poder constituídas na localidade de Marechal Cândido Rondon.

Um dos entrevistados, Reinart Reschke afirma que teve espaço para inserção nos meandros do poder local, a partir da visibilidade de sua atuação na Escola Concórdia: “por causa disso eles acharam que eu estava habilitado para entrar nessa companhia de desenvolvimento [do município], que também fazia obras” (RESCHKE, 2012, p. 7). O entrevistado, ex-aluno da Escola Concórdia, exerceu cargo de bastante influência na administração municipal em Marechal Cândido Rondon.

Os entrevistados, até a atualidade, são todos membros da igreja luterana. Para a realização desta monografia, foram selecionados estes cinco depoentes, tendo em vista, o acesso fácil a eles, por fazer parte da comunidade Luterana em que o pesquisador também está inserido como pastor. Assim, as memórias destes entrevistados vão refletir, em certo sentido, posição muito próxima da que é a posição da igreja luterana em Marechal Cândido Rondon. Desta forma, tais memórias permitem analisar o pensamento da Igreja Luterana Cristo a respeito da educação e da constituição da Escola Concórdia.

As cinco entrevistas foram feitas entre junho e outubro de 2012. O primeiro entrevistado foi Reinart Reschke, hoje com 71 anos de idade. Estudou na Escola Concórdia em 1955 e 1956. Era de uma família de agricultores do Rio Grande do Sul, que quando chegou aqui, em 1951, dedicou-se também aos ofícios em uma serraria e marcenaria. Ele estudou na Escola Concórdia logo no início de sua constituição, em 1955, mas logo concluiu ali o primário, pois já entrou em uma série mais adiantada. Por isso era também um auxiliar do professor. Depois continuou seus estudos em uma escola pública. Profissionalmente continuou a atividade do

pai, mas depois abriu uma metalúrgica, fabricando estruturas de ferro para a construção. Foi por alguns anos diretor da companhia de desenvolvimento do município de Marechal Cândido Rondon. Foi também líder da igreja e do Colégio Luterano Rui Barbosa, iniciado em 1964 com as séries seguintes (na época o ginásial) e também com o ensino médio.

A segunda entrevistada foi Eleonora Roesler, hoje com 66 anos de idade. Estudou a quarta série na Escola Concórdia em 1957. O seu pai era marceneiro, e ela veio do Rio Grande do Sul, com a família, morar em Marechal Cândido Rondon, em 1957. Antes de casar trabalhou numa fábrica de balas. Casou com um agricultor.

Outro entrevistado foi Valdir Sipert, que tem atualmente 63 anos de idade. É de família de agricultores, que veio para Marechal Cândido Rondon em 1953. Estudou na Escola Concórdia, de 1957 a 1960. Depois foi para o Seminário Concórdia de Porto Alegre, onde se formou pastor. Não chegou a exercer o pastorado, tendo-se tornado um comerciante aqui em marechal Cândido Rondon. É o único dos entrevistados que tem formação superior (faculdade).

Entrevistamos ainda Eni Geib, que está hoje com a idade de 65 anos. Filha de agricultores, radicada aqui desde 1953. Na Escola Concórdia estudou na primeira e segunda séries, em 1957 e 1958. Depois foi para uma escola pública, na Linha Guarani, próximo onde morava a família e onde ela mora ainda hoje. Não concluiu o ensino primário, segundo ela, por motivo de doença. Depois de adulta, casada, continuou a trabalhar na agricultura.

Nosso último entrevistado foi Hugo Hatleben, com idade atual de 66 anos. Igualmente de família de agricultores, que veio morar em Marechal Cândido Rondon em 1953. Foi um dos primeiros alunos, tendo estudado na Escola Concórdia em 1955. Posteriormente estudou em escola pública, mais perto de sua casa. Mas não concluiu o ensino primário, dizendo inclusive que sabe ler “só meio por cima”, mas fazer contas aprendeu bem. Continuou trabalhando como agricultor. Atualmente reside na cidade e trabalha na agricultura como “autônomo em serviços gerais”, na sua própria definição.

Para as entrevistas foi elaborado um roteiro prévio, orientador das entrevistas, com algumas perguntas. Primeiramente, questionamos sobre a pessoa, sua origem, sua vinda para esta região e as condições de sua família. Depois sobre o seu estudo na Escola Concórdia e, por fim, sobre a visão do depoente a respeito desta educação. Algumas questões tratavam das diferenças ou semelhanças entre a Escola Concórdia e as escolas públicas, bem como o relacionamento com estas escolas públicas. As entrevistas não se limitaram ao roteiro, tendo sido acrescentadas outras questões, conforme revelações feitas pelos entrevistados, durante a entrevista.

Para as entrevistas fundamentamo-nos metodologicamente em Alessandro Portelli. Para ele, a história oral é aquela que conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Ele reputa de grande importância as fontes orais, pois segundo ele, estas nos mostram o significado que os eventos do passado tem para as pessoas que o vivenciaram: f

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que faz [...] A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história (PORTELLI, 1979, p. 31).

Especificamente este sentido que buscamos nas entrevistas. Os entrevistados revelam os seus desejos com a igreja e a sua escola. E deixam claro o que acreditavam, e ainda acreditam, em relação a esta escola, e sua participação nela. Perguntados sobre o significado desta escola para as suas vidas, todos falaram da importância que atribuíam a esta escola, inclusive no que acreditavam ser o seu diferencial.

As entrevistas também revelam as tentativas de os entrevistados darem sentido ao seu passado e quanto isso contribuiu para as suas vidas no presente, na medida em que resignificam este passado. Alessandro Portelli enfatiza esse aspecto:

A utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas (PORTELLI, 1979, p. 33).

Para analisar as memórias, vejamos primeiramente quais eram as expectativas que a igreja/escola e os pais tinham para o futuro de seus filhos. Aí temos um fundamento que já vem pronto para a Comunidade Evangélica Luterana Cristo e para a Escola Concórdia, pela filosofia luterana da educação, transcrita resumidamente no capítulo anterior. Há que se questionar algumas coisas a respeito dela. Em primeiro lugar, o próprio uso do termo “filosofia”. O seu conteúdo é muito mais de teor religioso do que filosófico. Talvez uma palavra mais adequada fosse: “princípios”. Em segundo lugar, quanto ela era conhecida na escola e seguida pelos educadores da mesma.

Nas fontes pesquisadas não foi encontrada a expressão “filosofia luterana da educação.” Infelizmente não foi possível localizar qualquer documento semelhante a um Projeto Político Pedagógico, ou qualquer outro que apresentasse princípios que a escola seguia. Não tivemos acesso, então, a qualquer fonte, entre as encontradas, que sistematize essa filosofia ou mesmo a mencionasse. Também os entrevistados não fizeram qualquer menção direta a ela.

Mas a nossa conclusão é de que em termos gerais os princípios dessa “filosofia” estão presentes. Em primeiro lugar porque os pastores e professores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil receberam uma formação bastante calcada num fundamentalismo doutrinário, que fica bem evidente na nota de pé de página nº 2, na página 11, sobre a identidade confessional luterana. Além disso, como a igreja tem interesses religiosos, a sua escola também o tem – não só interesses religiosos, mas, sobretudo, religiosos. E a filosofia luterana da educação tem, como já dissemos, um cunho altamente religioso, em que a religião está acima de tudo.

Através dos depoimentos também pode ser percebido o alto teor religioso da educação. Perguntado aos depoentes sobre a razão de a igreja implementar uma escola, visto que havia outra escola na vila de General Rondon, todos mencionaram a questão religiosa. Valdir Sipert, por exemplo, declara:

[...] os nossos ancestrais primavam em ter a sua escola, de repente até tentando vincular algum princípio religioso com o conteúdo escolar. Eu imagino assim, porque na época existiam certos baluartes dentro da nossa igreja que procuravam seguir à risca tudo que... eu acho que havia até um certo fanatismo nesse sentido. Tanto é que era [o professor] quase que nem pastores auxiliares que davam culto de leitura quando não tinha culto que o pastor pudesse dar essas pessoas então, esses expoentes, esses baluartes, que davam o culto de leitura (SIPERT, 2012, p. 3).

E para a mesma pergunta Eleonora Roesler respondeu: “Decerto por causa da religião. As outras escolas não ensinavam tanto a religião” (ROESLER, 2012, p. 3).

Também quando perguntados sobre o que fazia a Escola Concórdia diferente da escola pública, novamente todos mencionavam o aspecto religioso, inclusive, apontando isso como algo que a tornava melhor. Reinart Reschke respondeu taxativamente que a escola se diferenciava: “No ensino religioso. Principalmente no ensino religioso.” (RESCHKE, 2012, p. 4). E um pouco adiante, perguntado sobre a influência da escola sobre a vida dos alunos, Reschke respondeu: “A influência é que eles tiveram um aprendizado religioso, uma orientação religiosa, e isso era uma orientação para a vida futura. E com isso eles se tornavam pessoas mais responsáveis” (RESCHKE, 2012, p. 5).

Daí depreende-se que uma grande expectativa, ou até mesmo a maior, quanto às trajetórias dos alunos, era de que seguissem a religião. E quem não fosse da mesma religião, que a abraçasse. A escola torna-se assim um braço da igreja, um instrumento para ela atingir o seu objetivo. E isso fica evidente em seu estatuto, já mencionado anteriormente, quando diz que tem por finalidade “conservar e propagar a religião cristã em cultos públicos, educandários paroquiais [...]” (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO, Estatutos, Artigo IV, inciso II, 1955).

Existe também a preocupação com a manutenção da religião, do seu povo na mesma fé e igreja e na conquista de novos adeptos, está também imbricado um objetivo de exercer influência na sociedade, isto é, de poder.

Um terceiro questionamento sobre a aplicação da filosofia luterana da educação é que ela não era tão pacífica ou tão “doce”, branda, quanto o seu conteúdo faz parecer. Na fala dos depoentes isso aparece em quase todos os relatos. Valdir Sipert, questionado sobre o que diferenciava a Escola Concórdia da Escola pública, diz: “E uma coisa que era bastante enfatizada na época, que realmente era uma educação... a palmatória existia, réguas eram quebradas no lombo dos alunos, ficar ajoelhado durante certos períodos, isso era tudo uma coisa normal” (SIPERT, 2012, p. 1).

E ainda:

Eu acho que... posso estar redondamente equivocado, eu acho que havia uma disciplina mais rígida dentro da escola. [...] A principal característica. Tanto é que nos desfiles de 7 de setembro ou qualquer aparição pública do estabelecimento de ensino a nossa escola sempre se destacava positivamente, porque não tinha... era aquilo: comeu, não leu, o pau comeu (SIPERT, 2012, p. 3).

E um pouco adiante complementa:

[...] a Escola Concórdia se destacava das demais pela forma rígida que a gente era educado lá dentro. Tinha que fazer certo, não tinha meia... alguma... No quartel chama-se isso ordem unida sem comando, direita, esquerda volver, tantos passos vai para a direita, mais xis passos para a esquerda, daí meia volta... (SIPERT, 2012, p. 4).

Também Hugo Hatleben fala que o sistema era bastante rígido, inclusive com uso de violência: “Lá se fazia assim: O [professor] Hintz, lá onde é a praça, era mato, tinha criciúma... batia em cima da unha que ficava preto” (HATLEBEN, 2012, p. 4). Embora fossem práticas que também eram usadas em escolas públicas, Sipert enfatizava que na Escola Concórdia era mais severo (SIPERT, 2012, p. 3).

Tem um relato bem interessante de uma reunião de diretoria da Comunidade, em que o professor da escola está renunciando, motivado por uma mágoa muito grande. E o secretário relata:

Após uma troca de ideias constatou-se que o sentimento de desgosto provém do fato de ao professor, digo de o Sr. professor haver sido aconselhado de não castigar alunos com tarefas de limpeza da escola, mas enviando-os para fora do recinto escolar e de os alunos que não são filhos de membros não serem solicitados para fazer a limpeza habitual do prédio da escola.

O Sr. presidente pediu que o Sr. professor pedisse por escrito sua demissão. O vice-presidente da Congregação pediu ao n. professor que permanecesse mais um ano. Este em resposta alegou que não estava em condições de dar a resposta agora.

Para, digo com o intuito de resolver todo o impasse surgido, a diretoria tomou as seguintes providências:

1. Resolveu que o Sr. professor possa, para castigo, em caso extremo, mandar alunos faltosos para casa e comunicar o fato e o motivo aos pais.
2. Resolveu que o Sr. professor possa, em casos extremos, para castigo, dar tarefas de limpeza do prédio escolar para qualquer aluno da escola sem distinção (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO, Ata da Diretoria, 2 de novembro de 1964).

Aqui se constata que o professor aplicava uma rigidez maior do que a própria Comunidade mantenedora da escola queria. Ou seja, a “filosofia” de quem mantinha a escola era oficialmente mais branda, como transparece na “filosofia luterana da educação”. Mas na prática, no dia-a-dia da escola, não era tão branda assim. E isso também se pode constatar pelos depoimentos já mencionados.

Este aspecto, o da rigidez da disciplina, mostra outra expectativa em relação às trajetórias dos alunos: que se tornem pessoas honestas, disciplinadas, ordeiras, trabalhadoras e obedientes. O bom cidadão seria aquele que fosse obediente à autoridade constituída. Isso é imperioso em primeiro lugar quanto à própria igreja. E depois também na sociedade. Valdir Sipert comenta: “E havia uma disciplina dentro da escola que era uma coisa fantástica. Ninguém abria a boca sem realmente ter necessidade ou fosse indagado pelo professor” (SIPERT, 2012, p. 1).

Um pouco adiante volta ao assunto:

Bom, eu acredito que foram os primeiros passos que eu aprendi a ter uma disciplina para o resto da minha vida, que eu aprendi dentro da escola. A gente ser obediente e submisso sem, de repente, sofrer uma castração mental. Ou talvez até poderia ter tido, mas que no decorrer do tempo e com os anos que a gente frequentou outros estabelecimentos de ensino isso foi sumindo (SIPERT, 2012, p. 2).



Depois da questão da religião, a questão da qualidade do ensino foi a mais mencionada nos depoimentos, como razão para uma escola alternativa à pública. Todos entenderam que o ensino na Escola Concórdia era de melhor qualidade do que na escola pública. Perguntado em que a Escola Concórdia era diferente da escola pública, Reinart Reschke, depois de mencionar o ensino religioso, declara:

E também na seriedade do ensino. Depois, quando já tinha professores formados, então o ensino era mais... como é que eu vou dizer... um mais comprometido. Como nos educandários oficiais, mesmo na época existia só do município, não era assim de muito boa qualidade (RESCHKE, 2012, p. 4).

Eni Geib compara a Escola Concórdia, onde começou a estudar, com a escola municipal da Linha Guarani, para onde ela foi depois: “Era melhor. Porque era um professor com mais estudos e o nosso professor [da escola municipal] aqui era um professor que só tinha o primário” (GEIB, 2012, p. 3). Hugo Hatleben relata uma situação muito semelhante e também um parecer semelhante. A família morava na Linha Heidrich, e quando o município abriu uma escola, ele passou a ir lá. [A Escola Concórdia] “era boa. Senão eu tinha ficado lá. Mas o pai disse que não, vai lá embaixo agora” (HATLEBEN, 2012, p. 2). E também quando perguntado sobre o que achava da Escola Concórdia, disse: “Era bom, assim, a gente ia aprender mais que na outra” (HATLEBEN, 2012, p. 3).

O aspecto da qualidade do ensino revela uma expectativa em relação às trajetórias dos alunos. O que se busca é que eles estivessem bem preparados. Inclusive, mais do que isso: que estivessem melhor preparados do que os outros. Isto porque a comparação é feita em todos os depoimentos. Mais preparado significa estar mais apto para o trabalho, para obter os meios de subsistência, e assim, ter salários melhores, conseguir empreendimentos mais lucrativos. E também mais preparado para cargos públicos, onde pudessem deter maior poder.

Vimos, então, quanto às trajetórias dos alunos primeiramente as expectativas, isto é: que sigam a religião, que sejam disciplinados, ordeiros trabalhadores e

obedientes e que sejam bem sucedidos na vida. E podemos acrescentar aqui as expectativas em relação à instituição, a igreja, com os seus adeptos e outros por ela instruídos. Isto é, pessoas que sigam trajetórias assim fortalecem a instituição e aumentam a sua influência.

Mas será que essas trajetórias se concretizaram assim como foram pensadas? Entre os entrevistados dois disseram que gostariam de ter ido mais longe, se não fosse por causa do pai, que tirou da escola e por causa de saúde. Nos outros há alguma satisfação com suas trajetórias. Situando-os quanto à idade: são todos na faixa dos setenta anos. Então, em termos de realizações de vida, não aguardam grandes mudanças daqui em diante.

Listamos 35 ex-alunos e pesquisamos as suas ocupações (trabalho) a partir dos relatos dos seus colegas. Comparamos a situação socioeconômica de sua família de origem com a situação após terem passado pela Escola Concórdia, mais exatamente já quando eram adultos. Trata-se apenas de uma amostragem. O critério de escolha foi a listagem lembrada pelos próprios entrevistados, isto é, nomes que iam lembrando. E também eles é que forneceram as informações sobre as trajetórias de seus colegas. Não entramos em muitos detalhes de suas vidas, e nos atentamos a suas ocupações. O que temos pode nos dar um indicativo de como, na memória dos entrevistados, os colegas desenvolveram suas ocupações.

Eis a lista, com os dados obtidos:

<b>Nome do aluno</b>	<b>Condição da família</b>	<b>Condição na vida adulta</b>
Adolfo Dreyer	Agricultores	Agricultor
André Hermann	Funcionário público	Assalariado (comunicador)
Arlindo Vorpapel	Agricultores	Agricultor
Arlindo Vorpapel	Agricultores	Agricultor
Armindo Klein	Ferreiro	Agricultor
Armindo Wengrat	Agricultores	Empresário
Arnaldo Scheffler	Agricultores	Agricultor
Bruno Vorpapel	Agricultores	Agricultor
Carlos Tilp	Agricultores	Agricultor
Danila Boes	Agricultores	Agricultora / do lar
Danilo Boes	Agricultores	Funcionário da Prefeitura
Edgar Dreyer	Agricultores	Agricultor
Eleonora Roesler	Dono de marcenaria	Agricultora / do lar
Eni Geib	Agricultores	Agricultora
Erno Reschke	Dono de serraria	Industrial
Eroncina Lohmann	Agricultores	Agricultora / do lar
Eunícia Vorpapel	Agricultores	Agricultora / do lar
Helena Konesniack	Comerciantes	Comerciante

Hugo Hartleben	Agricultores	Trabalhador rural
Irena Vorpapel	Agricultores	Agricultora / do lar
Iris Reschke	Dono de marcenaria	Do lar
Lauro Scheffler	Agricultores	Agricultor
Marlene Bleich	Metalúrgica	Assalariada
Meno Vorpapel	Agricultores	Agricultor
Mercedes Tilp	Agricultores	Agricultora / do lar
Miriam Hermann	Funcionário público	Professora
Nelson Heldt	Agricultores	Agricultor
Ralf Koniesnack	Comerciantes	Dono de gráfica
Reinart Reschke	Dono de serraria	Dono de metalúrgica
Romaldo Vorpapel	Agricultores	Agricultor
Ruth Somitz	Agricultores	Agricultora / do lar
Sigfredo Reschke	Dono de serraria	Assalariado
Silda Somitz	Agricultores	Agricultor / do lar
Valdir Sipert	Agricultores	Empresário
Valdomiro Wengrat	Agricultores	Dono de escritório

Observamos que 70% deles vieram de famílias de pequenos agricultores. Praticamente todos continuaram como agricultores. Eni Geib conta que a situação mudou para um pouco melhor que a de seus pais:

Olha, a gente trabalhou, sempre labutou, trabalhou e labutou para ir para frente, para ter uma vida melhor que os nossos pais tiveram. [...] A vida melhorou um pouquinho mais, mas a princípio a gente tinha muita dificuldade com doenças na família, e hoje em dia a gente tá com problemas e aí ficou naquele... a gente não conseguiu ir mais, como muita outra gente (GEIB, 2012, p. 1).

E essa é também a situação da maioria das outras famílias de pequenos agricultores, conforme as informações apuradas no quadro acima. Mas essas pequenas melhoras na condição, na verdade não significam uma mudança de patamar. Elas apenas ocorreram como resultado de um contexto geral. É que chegando aqui esses agricultores lidaram com muitas dificuldades. Até fazerem as suas construções para assim terem a infraestrutura mínima, até tornarem a terra produtiva e em grande parte dos casos, até quitarem as suas terras com a Maripá, eles dispenderem significativa soma de seus recursos. No correr dos anos essas condições iniciais foram sendo superados pela própria mudança da conjuntura.

E entre os agricultores, principalmente naquela época, sempre foi maior a evasão escolar e a interrupção dos estudos após a conclusão do ciclo básico, ou

mesmo até antes dele, para ajudarem a trabalhar. Hugo Hatleben atesta: “Aí o pai disse: tem que trabalhar. Já sabe escrever o nome, mais não precisa” (HUGO HATLEBEN, 2012, p. 2).

Ainda quanto aos que vem de famílias de agricultores, apenas 3 (9%) seguiram um caminho diferente depois que deixaram as suas famílias para constituírem as suas próprias famílias.

Entre os proprietários de pequenos empreendimentos da cidade, na média, também não houve substancial alteração no nível socioeconômico. Oito pessoas, ou 23% dos pesquisados, vem de famílias que podem ser enquadrados nessa categoria. Destes, dois mudaram para um patamar substancialmente superior. Mas os outros continuaram mais ou menos na mesma condição.

Quanto à continuidade de estudos, 10 (28%) continuaram os estudos além do primário, e apenas um concluiu ensino superior. Curiosamente, esse um é filho de agricultores.

Resumindo as trajetórias dos que foram alunos nos primeiros anos na Escola Concórdia, em relação às condições materiais, não surgem revelações especiais. Não dispomos de dados sobre outros grupos do mesmo período com quem poderíamos comparar os dados de que dispomos. Mas a partir do conhecimento e observação que temos desde 1992, quando passamos a residir aqui, arriscamos concluir que é muito semelhante. Isso nos leva a concluir que materialmente a Escola Concórdia não fez muita diferença na vida dos que nela estudaram. Mas nos discursos desses sujeitos entrevistados fez, ou seja, ideologicamente os transformou, pois valorizam muito o trabalho, a disciplina, a igreja.

Segundo os depoimentos dos ex-alunos e segundo o discurso dos dirigentes da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e desta sua Comunidade em Marechal Cândido Rondon, segundo a “Filosofia luterana da educação” e ainda segundo os ex-alunos depoentes, o grande objetivo era a questão religiosa. E por isso as expectativas eram de que permanecessem nos ensinos da igreja, vivessem de acordo com eles e permanecessem ou se tornassem adeptos dessa igreja e comunidade. Dos listados acima, praticamente todos eram membros da igreja, e

assim permaneceram. Os entrevistados declararam-se todos praticantes da religião na época e continuam ainda hoje.

Vale ressaltar que os membros da igreja tinham um ensino religioso específico, que era a instrução de confirmandos<sup>7</sup>. Aí o ensino religioso da escola era um reforço ou apoio. Reinart Reschke diz que a instrução de confirmandos não se dava pela escola, mas era separado. “Mas os alunos já estavam aprendendo na escola o ensino que mais tarde foi... ou quase paralelo ao ensino confirmatório” (RESCHKE, 2012, p. 6).

Mas o fato de essa doutrinação ser diária certamente exerceu uma influência muito grande sobre as crianças. Hugo Hatleben diz:

Primeira coisa quando entrava na igreja<sup>8</sup>, tinha que orar o Pai Nosso. Isso era a primeira coisa. Primeiro, “presente” [responder a chamada], e depois, oração. Isso era a primeira coisa que o professor... E depois na saída também. Não ia correr assim fora (HATLEBEN, 2012, p. 4).

E sobre o efeito que a escola teve sobre a sua trajetória de vida, Reschke, perguntado sobre o que significou para a sua vida esse ensino cristão, respondeu:

Foi um aprendizado que a gente teve desde a infância e com isso a gente se tornou uma pessoa mais preparada para os desafios da vida. E com isso, claro, a gente teve continuidade, como é normal também de crianças com essa idade, depois também participar do trabalho da congregação como o ensino religioso confirmatório, e claro, a partir daí a gente participou até hoje como membro dessa congregação. E, claro, assim como um preparo religioso também para a vida (RESCHKE, 2012, p. 5).

Assim, é razoável concluir que essa escola teve influência sobre as trajetórias dos alunos, pelo menos na questão religiosa. Se de acordo com a tradição luterana

---

<sup>7</sup> É a instrução religiosa que a igreja luterana oferece às crianças dos 10 aos 13 anos de idade. Aí passam por uma cerimônia chamada Confirmação, em que afirmam a sua fidelidade a Deus e à igreja.

<sup>8</sup> Ele se refere ao tempo em que as aulas ainda eram no templo, o espaço da igreja. Só no segundo ano de funcionamento da escola ela teve um espaço próprio.

de manter escolas o objetivo é através delas também inculcar a sua doutrina; se de acordo com os depoimentos a grande razão de criar e manter uma escola é o ensino da religião – então é expectativa, tanto da igreja, como dos pais, que as trajetórias dos alunos sejam de fidelidade a estes conteúdos de ordem religiosa. Então ela, a expectativa, tem-se cumprido nas trajetórias desses alunos.

E ainda temos uma última expectativa de trajetória a ser verificada: trata-se daquela expectativa já mencionada, de que se tornem pessoas honestas, disciplinadas, ordeiras, trabalhadoras e obedientes. Este aspecto não é tão simples de ser avaliado. Que dados poderíamos usar para mostrar que tantos eram honestos... e tantos, desonestos?

Além disso, essas características em certos contextos, não são necessariamente virtudes. Por exemplo, que as pessoas sejam ordeiras e obedientes é o que governos autoritários mais querem. E igrejas podem tornar-se cúmplices ao manter as pessoas submissas sem questionar a exploração, a injustiça e outros “pecados” contra a sociedade. Não é nossa intenção aprofundar o debate nesta questão. Não que queiramos fugir dela, mas nossa pesquisa não é suficiente para isso. Mas estes apontamentos podem servir para uma reflexão inicial sobre o assunto.

Por outro lado, não resta dúvida de que virtudes ensinadas pelas igrejas e vivenciadas pelos fiéis trazem benefícios para a vida em sociedade. Silas Malafaia, pastor evangélico de projeção nacional, declarou numa entrevista:

Desafio qualquer um a me apresentar uma entidade que recupere mais pessoas do que as igrejas evangélicas. Fazemos isso a um custo zero para o governo. [...] não cobramos um centavo sequer do governo para livrar as pessoas das drogas, da prostituição ou da bebida, e ainda temos impacto positivo na vida profissional dos fiéis. [...] O evangélico não fuma e, portanto, adocece menos. Ele não bebe. Então, dificilmente vai ser aquele tipo de gente que não consegue acordar cedo, que sai para almoçar, enche a cara e faz o trabalho todo errado na parte da tarde. Evangélico não cheira cocaína. Ele aprende na igreja a ter princípios rígidos (MALAFAIA, In: Revista Veja, 2012, p. 26).

Podemos não concordar, mas podemos refletir sobre o assunto. Embora não tenhamos feito uma investigação detalhada sobre a vida de cada um dos ex-alunos, listados acima, o que os entrevistados informaram a respeito de suas trajetórias reforça a ideia de que são pessoas trabalhadoras e ordeiras. Apenas de maneira geral Valdir Sipert, falando sobre formar o caráter, diz:

Eu recordo que esse assunto [do caráter] era abordado com frequência e com frequência era mencionado: no futuro, se aqui você é assim, como você pensa que vai ser no futuro? Então eu interpreto isso como sendo uma, digamos, tentando direcionar a índole da pessoa. Já pensando que no futuro o certo é ser correto. Obviamente que sempre houve desvios de percurso, nem todos que frequentaram a Escola Concórdia conseguiram chegar ou demonstrar que também haviam... (SIPERT, 2012, p. 5).

Verificamos a partir da entrevista, que para o depoente a maioria de seus ex-colegas seguiu uma trajetória considerada por ele ética, mas que houve exceções.

E concluímos este capítulo sobre as trajetórias com a pergunta: e em que a Escola Concórdia contribuiu para que as trajetórias dos seus alunos fossem assim? Evidentemente, existem muitos “agentes” que transformam as trajetórias das pessoas. A Escola deixou marcas na trajetória desses sujeitos, como podemos observar a partir da constatação de Neiva Maccari, mencionada no primeiro capítulo, de que a escola foi a temática mais presente na memória dos migrantes que vieram para esta terra, e também pelos depoimentos obtidos, conforme citações já feitas, a influência da escola nas trajetórias dos que nela foram alunos é significativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Luterana Concórdia surgiu como um projeto de uma igreja, com finalidade de ser uma forma auxiliar de consolidar as suas convicções religiosas e éticas nas novas e nas futuras gerações. Pelos depoimentos dos ex-alunos constatamos que, conforme suas memórias, isso realmente se concretizou, pois eles e seus colegas, com raras exceções, foram depois pessoas que continuaram praticando a sua religião e seguindo as boas virtudes ensinadas. Nossa avaliação é de que realmente não está muito longe disso. Vemos hoje uma secularização maior na referida igreja. Esta já não ocupa o lugar principal na vida de um maior número de pessoas em comparação com a época da Escola Concórdia. Mas esta secularização é um sintoma geral da sociedade. Apesar disso, constata-se forte influência da religião na vida das pessoas, especificamente dos depoentes, que reafirmaram que ainda hoje são praticantes dessa igreja.

Considerando o contexto da implantação de uma nova colônia, da formação de uma nova cidade, a igreja também certamente tinha como objetivo consolidar-se como instituição. E isso também aconteceu. A igreja como instituição é hoje uma das mais tradicionais de Marechal Cândido Rondon. No livro de Atas da Comunidade Evangélica Luterana Cristo, constam 17 famílias fundadoras, o que calculamos em menos de 50 pessoas. Dados estatísticos da igreja atualmente apontam 1.600 pessoas. Mas se somarmos estes números com o de fiéis das outras cinco igrejas que se desmembraram dessa primeira, teremos aproximadamente 3.000 pessoas praticantes do Luteranismo. Se olharmos a trajetória da escola, podemos dizer que ela deu origem ao Colégio Luterano Rui Barbosa e a Faculdade Luterana Rui Barbosa. Desta forma, com essas igrejas e instituição de ensino, podemos dizer que a sua influência no município de Marechal Cândido Rondon é significativa.

Outra consideração necessária é sobre a pretendida superioridade do ensino na Escola Concórdia em relação às escolas públicas. Os depoentes fizeram menção a uma melhor qualidade do ensino, mas não foi a sua ênfase. O maior peso eles todos deram ao diferencial da questão religiosa e comportamental/disciplinar. Nossa avaliação é de que essa qualidade não interferiu significativamente nas suas trajetórias. Tanto é que poucos continuaram com os estudos. Como em sua maioria eram filhos de agricultores, estes também não tinham para eles metas muito mais ambiciosas.



O Colégio Luterano Rui Barbosa, sucessor da Escola Concórdia, com certeza pode hoje ser tido como uma escola para uma classe social com maior poder aquisitivo. Porém, no início da Escola Concórdia este não era um diferencial. Foi essa também a percepção dos alunos que forneceram os depoimentos para esta pesquisa. Embora considerem que estudaram numa escola melhor, não a distinguiam, e a seus alunos, como pertencentes a uma classe econômica privilegiada e mesmo distinta das demais. Mas a escola mudou quando passou a integrar o Colégio Luterano Rui Barbosa. Foi instituída a cobrança de mensalidade para todos, inclusive para os membros da Comunidade Evangélica Luterana Cristo. Assim, os alunos passaram a ser selecionados pelo seu poder aquisitivo.

Como foi essa transição, da Escola Concórdia para o Colégio Luterano Rui Barbosa? Por que aconteceu? Certamente é motivo para uma pesquisa, que a presente não possibilitou abranger.

Quanto aos princípios luteranos da educação, nossa conclusão é de que a educação nessa escola seguiu, em termos gerais, essa linha. E as memórias dos alunos também apontam nessa direção.

## BIBLIOGRAFIA

BECK, Nestor. **Igreja, Sociedade & Educação: estudos em torno de Lutero**. Porto Alegre: Concórdia, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (organizadores). Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de História. In: PERIS, Alfredo Fonseca. (Org.). **Mesorregião Oeste do Paraná: Diagnóstico e Perspectivas**, cap. I. Arquivo da Internet em: [http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo\\_01.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo_01.pdf). Cascavel, 2002.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

JAHSMANN, Allan Hart. **Filosofia Luterana da Educação**. Trad. de Martinho Lutero Hoffmann. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1987.

KLUG, João. **A Escola Teuto-Catarinense e o Processo de Modernização em Santa Catarina – A Ação da Igreja Luterana Através das Escolas (1871-1938)**. Tese de doutoramento em História Social apresentada ao Departamento de História da FFLCH – USP. São Paulo: 1997.

MACCARI, Neiva Salete Kern. **Migrações e memórias: a colonização do oeste paranaense**. Dissertação de mestrado na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1999.

MALAFAIA, Silas. **Entrevista**. In.: Revista Veja, edição 2.272, ano 45, nº 29. São Paulo: Editora Abril, 6 de junho de 2012.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Protestantismo no Brasil e suas Encruzilhadas**. In: REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

VANDERLINDE, Tarcísio; GREGORY, Valdir e Nilceu Jacob Deitos (org.). **MIGRAÇÕES E A CONSTRUÇÃO DO OESTE DO PARANÁ: O século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Sabel, 2007.

PIAIA, Vander. **A ocupação do Oeste Paranaense e a formação de Cascavel: as singularidades de uma cidade comum**. 2004. 213 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, n. 14. p. 25-39, EDUC/PUC, fev. 1997.

REHFELDT, Mário L. **Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.** Porto Alegre: Concórdia Editora, 2003.

SCHMIDT, Róbi. **Cenas da constituição de um mito político: memórias de Willy Barth.** Cascavel: Edunioeste, 2001.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **“Nós e os outros”: Aspectos da formação de um consenso de comunidade.** Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da Teoria.** Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A., 1981.

WACHOWICZ, Ruy Cristovam. **Obrageiros, Mensus e Colonos: História do oeste paranaense.** 2ª ed. Curitiba: Editora Vicentina, 1987.

## FONTES

### Fontes Escritas:

CONGREGAÇÃO EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO. **Estatuto**. Marechal Cândido Rondon, 1951.

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO. **Livro-ata das assembleias**. Marechal Cândido Rondon, 1951 a 1956.

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO. **Livro-ata das assembleias**. Marechal Cândido Rondon, 1964 a 1969.

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO. **Livro-ata da diretoria**. Marechal Cândido Rondon, 1964 a 1970.

LÜDKE, Guilherme. **Congregação Evangélica Luterana Cristo: Histórico**. Marechal Cândido Rondon: Folhas datilografadas, 1984.

LUTERO, Martinho. Obras selecionadas, V5. **Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs**. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

### Depoimentos Orais:

GEIB, Eni Nadir. Eni Nadir Geib. Depoimento concedido em 19 de outubro de 2012 a Romildo Reinaldo Wrasse. Marechal Cândido Rondon, 2012.

HATLEBEN, Hugo. Hugo Hatleben. Depoimento concedido em 22 de outubro de 2012 a Romildo Reinaldo Wrasse. Marechal Cândido Rondon, 2012.

RESCHKE, Reinart. Reinart Reschke. Depoimento concedido em 24 de junho de 2012 a Romildo Reinaldo Wrasse. Marechal Cândido Rondon, 2012.

ROESLER, Eleonora. Eleonora Roesler. Depoimento concedido em 31 de julho de 2012 a Romildo Reinaldo Wrasse. Marechal Cândido Rondon, 2012.

SIPERT, Valdir Ari. Valdir Ari Sipert. Depoimento concedido em 8 de agosto de 2012 a Romildo Reinaldo Wrasse. Marechal Cândido Rondon, 2012.

## ANEXOS